



## CO6. Fotossensibilidade - Casuística do Laboratório de Electroencefalografia do H.D. Estefânia (1/03/2000 - 31/05/2004)

Fátima Furtado<sup>1</sup>, Elisa Vilares<sup>2</sup>, Ana Beato<sup>2</sup>, Alberto Leal<sup>3</sup>, Ana Isabel Dias<sup>4</sup>

Serviço de Neurologia Pediátrica – Directora de Serviço Dr<sup>a</sup> Karin Dias. 1-Ciclo de Estudos Especiais de Neuropediatria, 2-Técnica de Diagnóstico e Terapêutica, 3-Neurofisiologista, 4-Neuropediatra.

E-mail: fatimafurtado@sapo.pt

### Introdução

Tendo em conta que, os estímulos visuais fazem parte do dia a dia da maioria das nossas crianças e adolescentes, decidimos tentar quantificar o papel da fotossensibilidade na população pediátrica a quem temos efectuado electroencefalogramas nos últimos anos. Sabe-se que na população em geral 2-5% dos epiléticos têm convulsões desencadeadas por este tipo de estímulos.

### Objectivos

Analisar a correlação clínica / neurofisiológica das alterações ocorridas com a estimulação luminosa intermitente (ELI).

### Material e Métodos

Análise retrospectiva do ficheiro do laboratório de electroencefalografia no período de 1/03/2000 a 31/05/2004, em que foram efectuados 4549 exames.

Em 72 exames, o que correspondeu a 56 crianças, encontraram-se alterações na ELI. Foi pois em relação a este grupo e através da pesquisa conjunta dos processos clínicos, que foram analisados os seguintes parâmetros: idade, sexo, antecedentes familiares de epilepsia, antecedentes pessoais relevantes, origem e motivo de referência, quadro clínico, caracterização das alterações electroencefalográficas.

### Resultados

A percentagem de exames com alterações na ELI foi de 1,73%, não nos tendo sido possível calcular a que percentagem de crianças correspondia.

A distribuição etária das 56 crianças a quando do primeiro exame efectuado a quem se encontraram alterações foi a seguinte: 1A-4A – 5, 5A-9A – 23, 10A-15A – 26, >15A- 2; 64,2% do sexo feminino e 38,7% do sexo masculino.

Em 32% das crianças encontrou-se antecedentes familiares de epilepsia e em apenas 6,9% havia uma suspeita prévia de que os estímulos visuais fossem o desencadeante das crises.

Em 87,5% dos exames o pedido foi efectuado do ambulatório, na sua maioria da consulta de neurologia, tendo em conta que neste hospital não se efectuam exames senão pedidos pela própria instituição.

Tentando correlacionar EEG/Clínica, das 56 crianças, 66% tinham epilepsia generalizada (mioclónicas – 41%, ausências – 30%, ausências com mioclonias – 5%, não caracterizadas – 24%) e 25% epilepsia parcial (parcial com generalização – 36%, occipital – 14%, frontal – 7%, não caracterizadas – 43%).

Foi para médias frequências de ELI (10-16Hz), que surgiram em 83,3% dos exames efectuados as alterações na prova de estimulação luminosa intermitente.

### Conclusões

Necessidade de informatizar ficheiro do laboratório de EEG e cumprir protocolos uniformizados para que se possam comparar dados e só assim saber qual a percentagem de fotossensibilidade na população epilética.

Com o avanço nas técnicas de electroencefalografia, talvez se possa vir a caracterizar com mais precisão os tipos de epilepsia.

Muito embora a tecnologia actual permita prevenir este tipo de estímulos como desencadeantes de crises, importante será alertar a sociedade para esses riscos.